

A CONSTITUIÇÃO DO DISCURSO ECOLÓGICO NO DIZER DE *VEJA*: ANÁLISE DE REPORTAGENS SOBRE AS CONFERÊNCIAS DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO (ECO 92 E RIO+20)

Severino Rodrigues (UFPE)
serodrigues.08@gmail.com

Introdução

Este artigo objetiva analisar o discurso ecológico constituído pela mídia impressa brasileira à luz da análise do discurso de linha pecheutiana. A fundamentação teórica se constrói à medida que o material de análise apresenta recorrências na materialidade linguística do seu dizer, evocando condições sócio-históricas distintas e dizeres diferenciados pelos seus sujeitos autores. As noções de *condições de produção*, *sujeito discursivo contemporâneo* e *memória*, a partir dos textos de teórico francês Michel Pêcheux, permitem o gesto de leitura e interpretação sobre o modo como o discurso ecológico se apresenta em textos jornalísticos brasileiros.

Levando-se em consideração a presença na história do jornalismo no Brasil, foi selecionada a revista *Veja*, publicação da Editora Abril, por acompanhar as duas Conferências das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento realizadas no Rio Janeiro nos anos de 1992 e 2012, mais conhecidas como Eco 92 e Rio+20 respectivamente, e por se tratar de uma revista de circulação nacional e com ampla distribuição no país. Sendo assim, os discursos materializados nessa publicação tendem a atingir um grande número de leitores.

No percurso da leitura desse material, algumas questões foram surgindo e colaborando para a descrição, análise e interpretação: 1) Como o discurso ecológico se constitui na mídia impressa brasileira, mais especificamente no dizer de *Veja*?; 2) Condições sociais e histórias de produção diferentes materializam o mesmo discurso de formas distintas?; 3) Como, ao se voltar para a Rio+20, a *Veja* retoma os resultados da conferência de 92?

1. Dispositivos teóricos e gestos de leitura

A abertura da conjuntura teórica vigente na França na década de 1960 possibilitou o surgimento de novas relações e a construção de um novo pensamento que, valorizando a transversalidade, proporcionaria o surgimento de uma nova disciplina: a Análise do discurso. Nesse sentido, a tese defendida por Michel Pêcheux, *Análise Automática do Discurso* (doravante AAD), no ano de 1968, marca a constituição desse novo campo de pesquisa. Surge-se, assim, uma nova disciplina que desperta o interesse de linguistas, de pesquisadores das ciências humanas e sociais e até de historiadores. E que apresenta, segundo Malidier (2011), “[...] a tentativa de pensar a autonomia da Análise do Discurso, recusando, ao mesmo tempo, uma relação de aplicação (da linguística a outro domínio) e uma pura e simples integração à linguística” (p. 42).

A tese acima citada serve de ponto de partida para a “aventura teórica do discurso” empreendida por Pêcheux e engendra os principais aspectos que ele levará de modo indissociável nesse trajeto. A saber: a construção de uma teoria do discurso, a definição de procedimentos analíticos e a atualização de um dispositivo informático. Acerca do duplo plano da teoria e do dispositivo, Malidier (2011) afirma que: 1) o

conceito de discurso é elaborado a partir da crítica ao corte saussuriano (língua como sistema). Dessa forma, “[...] o novo objeto é assim definido – e essa posição jamais se alterará – por uma dupla fundamentação na língua e na História” (p. 44); 2) no tocante ao dispositivo, o conceito de condições de produção corresponde ao princípio constitutivo dos objetos que constroem o corpus. Nesse sentido, a pesquisadora, na sua leitura da obra de Michel Pêcheux, pontua um valor teórico e outro operatório sobre esse conceito: “um valor teórico, que coloca a determinação do discurso por seu exterior, operando assim deslocamento em relação a um ponto de vista sociolinguístico que analisa as covariações entre dois universos” (p. 44) e “um valor operatório, visto que as condições de produção presidem a seleção das sequências que formam o espaço fechado do corpus” (p. 44-45). A constituição do discurso, portanto, pode ser observada a partir das condições de produção.

Michel Pêcheux (1997) considera insuficiente o esquema informacional proposto por Jakobson quando os protagonistas do discurso são colocados em cena. O teórico francês aponta para quatro imagens que são colocadas em jogo na produção discursiva. Cada um dos sujeitos envolvidos constitui uma imagem de si e do outro no desenrolar do processo discursivo. Ou seja, quatro imagens sociais são colocadas em jogo. O pesquisador ainda afirma que

[...] a posição dos protagonistas do discurso intervém a título de condições de produção do discurso. Convém agora acrescentar que o “referente” [...] pertence igualmente às condições de produção. Sublinhemos mais uma vez que se trata de um *objeto imaginário* (a saber, o ponto de vista do sujeito) e não da realidade física (p. 83) (grifo do autor).

Os sujeitos presentes não são da ordem do real, mas da ordem do discurso e cada um deles pode se tornar dominante num certo estado das condições de produção. Dessa maneira, as relações de força e as relações de sentido se manifestariam na materialização desse discurso. Discurso como efeito de sentidos entre sujeitos. Daí, afirma Orlandi (2001) que “[...] no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição dos sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação” (p. 21).

Levar em conta as condições sócio-históricas de produção do discurso é considerar também o sujeito presente nos processos discursivos. Acerca do sujeito discurso contemporâneo, ou sujeito capitalista, sua constituição deve ser tomada através da interperlação do indivíduo como sujeito pela ideologia. Inscrito em determinada formação discursiva (FD),

O sujeito se submete à língua mergulhado em sua experiência de mundo e determinado pela injunção a dar sentido, a significar-se. E o faz em um gesto, um movimento sócio-historicamente situado, em que se reflete sua interpelação pela ideologia. A ordem da língua e a da história, em sua articulação e seu funcionamento, constituem a ordem do discurso. (ORLANDI, 2007, p. 12)

A linguagem é um fato social, por isso esse sujeito discursivo produz o seu dizer interpelado pela ideologia, pela história, em suma, pelos fatores e condições de produção em que ele está inserido. Assim sendo, ele assume um lugar perante outros

sujeitos o que o intima a elaborar seu dizer também em relação a esses outros, entrando em jogo, então, o tríplice real pecheutiano da língua, da história e do inconsciente.

E é na movimentação do seu dizer que notamos as rupturas e deslocamentos realizados pelo sujeito discursivo sobre a memória. Memória esta que não é individual, do empírico, mas entendida “[...] nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída pelo historiador. (PÊCHEUX, 1999, p. 50). Desse modo, a materialidade discursiva advém de algo produzido antes, de outro discurso, da ordem do pré-construído. Haveria, portanto, uma operação de apropriação desse outro dizer, estabelecendo correferência por meio de um encaixe sintático dentro do discurso produzido por esse sujeito. Nesse percurso, a noção de memória estaria, por seu lado, relacionada também à questão do interdiscurso, como escreve Orlandi (2001):

[...] nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retoma sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada (p. 31).

Daí, as inúmeras possibilidades de deslocamentos, rupturas e constituição do discurso.

Depois das noções, brevemente, pontuadas acima, passemos à descrição, análise e interpretação do *corpus* do presente artigo. Como anteriormente explicitado, nos debruçaremos sobre duas reportagens de capa da revista *Veja*, publicação da editora Abril e de grande circulação nacional, acerca das Conferências das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento realizadas no Rio Janeiro nos anos de 1992 e 2012, mais conhecidas como Eco 92 e Rio+20 respectivamente. A edição de número 1.237 de 92 abordou a Eco 92 e a edição de número 2.274 a Rio+20. Nesse caminho, por acompanhar os dois eventos de relevância internacional para as discussões sobre meio ambiente, poderemos perceber como o discurso ecológico se constitui nesses dois momentos distintos na mídia imprensa brasileira.

Começamos, então, pela análise das capas das duas publicações, dada a sua importância para compreender a materialidade linguística impressa na reportagem (SILVA & LUNKES, 2014). A capa da edição 1.237 de 3 de junho de 1992 de *Veja* apresenta uma imagem noturna do Pão de Açúcar, cartão-postal do Rio de Janeiro, com uma espécie de tela de tevê sobre o morro, dentro dela a imagem de um globo terrestre e abaixo deste o nome Brasil. A manchete *O mundo se encontra no Rio* seguido da legenda *Estrelas, temas e brigas da maior conferência ecológica da História*. A partir daí, alguns gestos de leituras já podem ser empreendidos. Por exemplo, ao colocar uma imagem da esfera terrestre sobre o Pão de Açúcar aponta para o sentido da presença de várias lideranças mundiais, as *estrelas*, na cidade do Rio de Janeiro e ao apresentar a Eco 92 como a *maior conferência ecológica da História*, enfatiza e marca a importância do evento para o cenário mundial. O interesse é notar também que a capa acaba por retomar o logotipo de uma das maiores emissoras de tevê do país, a Rede Globo de Televisão, colaborando para a construção do sentido de um evento que funcionasse como uma tevê, onde todos poderiam se encontrar, serem vistos ali. Dessa forma, a

revista *Veja* logo na sua capa já resvala a importância que o evento, que estaria prestes a começar, determinaria nos rumos da consciência global.

Dizer diferentemente da capa escura presente na edição 1.237 de 1992, a capa de *Veja* da edição 2.274 de 20 de junho de 2012 apresenta um fundo claro e praticamente todas as letras escritas com a cor verde, referência à natureza, e apenas a manchete de preto *Verdades inconvenientes*. Nesse sentido, notamos a memória discursiva em jogo na construção do título. Ele faz clara referência ao conhecido documentário *Uma verdade inconveniente*, dirigido por Davis Guggenheim, que, em 2006, despertou a atenção do mundo para as mudanças climáticas, sobretudo, para a problemática do dióxido de carbono liberado na atmosfera terrestre. O documentário foi vencedor do Oscar da categoria no ano seguinte, 2007. Ao retomar um dizer já conhecido e deslocar seus sentidos para uma forma pluralizada, a revista parece chamar a atenção do leitor para uma reportagem que dará ênfase às problemáticas que o meio ambiente anda sofrendo. Nesse caso, no funcionamento da linguagem, podemos compreender a noção de memória discursiva de Pêcheux (1999) em que a constituição de um novo dizer traz a presença de um já-dito, situado de modo histórico e ideologicamente, e cujos sentidos não significar nesse dito. Ou seja, ao dizer *Verdades inconvenientes* o sujeito autor ou sujeito jornalista, como nomeamos neste trabalho, faz “[...] remeter o dizer [...] a toda a uma filiação de dizeres, a uma memória, e a identificá-lo em sua historicidade, em sua significância, mostrando seus compromissos políticos e ideológicos” (ORLANDI, 2001, p. 32).

Na capa dessa edição, ainda encontramos a ilustração de três pandas, animais símbolos da luta pela preservação das espécies na China, cada um deles representando as imagens bastante conhecidas de “quem não fala, não vê e não ouve”, respectivamente. Os pandas juntamente com a manchete apontam para o fato de que algo parece não ter sido explorado dessa vez na conferência mundial. Sentido construído colaborado pela legenda de capa *Rio +20 As reais questões ambientais que afetam as pessoas aqui e agora foram esquecidas*. Desse modo, o título e as ilustrações parecem tomar um tom de denúncia para o que não está sendo colocado em pauta de discussões na nova conferência das Nações Unidas.

Contrapondo as materialidades linguísticas da capa de *Veja*, notamos a tomada de posicionamentos discursivos distintos por parte dos sujeitos jornalistas nesses dois momentos diferentes no tocante aos eventos ecológicos. Enquanto a edição da revista de 1992 parece relatar os acontecimentos e ações que marcarão o evento, a edição da mesma revista em 2012 se detém naquilo que não está sendo falado, visto e ouvido durante os dias em que se realizam a nova edição da conferência ecológica mundial. Retomar as condições sócio-históricas de produção dos discursos é necessário para compreender os sentidos dessas reportagens. Enquanto a edição de 1.237 foi publicada antes do evento começar, a edição de 2.274 foi justamente posta em circulação durante a realização do evento. Isso permite que os indivíduos, no caso, os jornalistas e editores envolvidos na produção da revista, mobilizem informações diferentes e sobre elas, no momento da escrita, sejam interpelados em sujeitos discursivos pela ideologia e pela história de modos variados (PÊCHEUX, 1997). Por isso, podemos perceber a adoção de uma postura a favor do evento e de grandes expectativas em relação ao que vai ser posto em questão ali na capa de 1992 e, pelo contrário em 2012, quando a capa não perpassa uma posição tão positiva os efeitos produtivos do evento.

Dando continuidade à análise, no tocante ao título das duas reportagens, percebemos a construção de um discurso ecológico que apresenta certos deslocamentos da primeira edição da revista *Veja* para a segunda em análise. Com a chamada *Última*

Chance o título da matéria é introduzido *A Terra em transe na Eco 92* e seguido pelo subtítulo *Começa no Rio de Janeiro a megarreunião ecológica que pode mudar os rumos do mundo*. Nesse caso, o dizer de *Veja* inscreve um discurso de grande ênfase ao evento de ordem ecológica, colocando nessa *megarreunião* uma ênfase justificada pelas decisões que poderão afetar todo o planeta. Diferentemente do tom mais moderado presente na chamada *Diplomacia* acompanhado do título-pergunta *Quem vai pagar a conta?* seguido pela legenda *As autoridades na Conferência sobre Desenvolvimento Sustentável talvez não consigam decidir em uma semana quem financiará uma economia mais limpa – mas a boa-nova é que a pressão da sociedade pelo consumo responsável é um caminho sem volta*. Em um gesto de leitura, fica claro que o dizer da revista desta vez coloca que apesar do sucesso das discussões que o evento proporcionará não está tão claro, a sociedade mudou seu comportamento e ela não parece disposta a recuar em suas exigências. Talvez possamos até introduzir nesse momento a análise de que a sociedade brasileira ouviu e atendeu ao colocado na primeira edição da conferência ecológica mundial, modificando o seu comportamento, atendendo à exigência de novas responsabilidades e não estando disposta a modificá-lo novamente, dessa vez, no caso, numa atitude de regressão, indicando uma solidificação da consciência ecológica a partir dos debates que vem ocorrendo no Brasil e no mundo.

Acerca do texto da reportagem propriamente dito, na elaboração da publicada em 92, o sujeito jornalista adota uma posição que não considera alternativas médias para a solução dos impasses que a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, ou Eco 92, apresenta. Apesar de podermos considerá-lo, devido a sua presença sócio-histórica como sujeito do capitalismo (ORLANDI, 2007), ele toma para si uma posição de concordância com o discurso ecológico que exige mudanças de comportamento, mas não só, por parte da sociedade.

Recortemos as seguintes sequências discursivas (SDs):

(SD1) **O mundo tem um encontro** marcado no Rio de Janeiro a partir da próxima quarta-feira para decidir que tipo de planeta será legado às próximas gerações. Líderes de mais de uma centena de países e outros 30 000 participantes reúnem-se na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, ou Eco 92, **o mais abrangente e ambicioso encontro internacional já realizado em toda a história da humanidade. Sua ambição é criar um código de conduta que, se for mesmo montado conforme os planos, terá o poder de alterar as relações entre os países e influir na vida de cada ser humano.** Esse encontro será realizado em instalações do Rio-centro, em Jacarepaguá, com ramificações em dezenas de outros locais do Rio de Janeiro. Começa dia 3 de junho e termina dia 13. **Se fracassar, apagará a esperança de dotar a comunidade internacional de uma tábua de mandamentos práticos e morais capaz de substituir o vácuo das ideologias** (p. 53)

(SD2) Chefes de Estado nas **nações mais poderosas do mundo** como o americano George Bush, o japonês Kiichi Miyazawa, o alemão Helmut Kohl e o inglês John Major farão do **Rio de Janeiro a sede temporária de um inédito parlamento da Terra**. Na semana passada, quando a conferência começava a tomar forma **com a chegada ao Rio de seus primeiros participantes, como o rei Gustavo, da Suécia, crescia a expectativa mundial sobre seus resultados. Eles terão um impacto gigantesco, para o bem ou para o mal. Caso os países representados não mostrem o discernimento,** a coragem e a músculo político para implementar as correções de rumo esperadas em torno das discussões sobre progresso e meio ambiente, **o desfecho da conferência poderá redundar num desastre global sem precedentes. Na hipótese oposta,** as pessoas estão impedidas de esquecer o Rio de Janeiro de junho de 1992. **Ali se terá construído a mais profunda mudança mundial em tempos de paz.** (p. 53-54)

(SD3) [...] **Quando a Eco 92 for história, se saberá exatamente o que ela significou. A expectativa otimista é que ela seja o começo de uma longa caminhada** capaz de levar a uma vida mais decente a parte desvalida do planeta. E, para todos, ricos e pobres, a garantia de que o mundo não será espoliado de tal forma que não possa no futuro sustentar a própria vida de seus habitantes. (p. 56)

Na SD1, correspondente ao primeiro parágrafo da reportagem, é nítida a ênfase à magnitude do evento pelo sujeito jornalista à conferência ecológica: *O mundo tem um encontro marcado no Rio de Janeiro*. O processo de adjetivação escolhido pelo autor contribui para a construção desses sentidos. *O mais abrangente e ambicioso encontro internacional* colocando, assim, todos os holofotes sobre o evento ecológico. Na materialidade linguística é notória a presença de uma dicotomia estabelecida pelo sujeito autor. Não há um meio termo para os resultados da reunião: ou será de sucesso, adquirindo *o poder* de mudar as relações dos seres humanos de todo o globo com as demais espécies da natureza; ou será de fracasso, significando um ato de *apagar a esperança* por alterações no modo como o homem interage com o seu planeta.

Na SD2, o sujeito jornalista continuando o estabelecimento do seu jogo discursivo, colocando que se as discussões ali propostas não forem aceitas ou aproveitadas o resultado será catastrófico, adota uma tomada de posição apocalíptica em relação ao que está ocorrendo no mundo e, conseqüentemente, aderindo a esse discurso ecológico que nesse momento já está bastante presente na sociedade. Essa visão dicotômica apresenta a funcionalidade de persuasão, de convencimento do leitor, pois é notório que ele não desejaria, pelo menos tomando por base um posicionamento mais ético e cidadão do problema, reforçando assim certa pressão nos leitores para ratificar o seu dizer. É nítida a presença de adjetivos que dão ênfase e grandiosidade ao evento: *poderosas, inédito, gigantesco*. Para o sujeito jornalista, a presença dos chefes de estado acaba por representar um reforço para a divulgação do discurso que vem apresentando e aderindo. Cabe notar a escolha do chefe de estado em realce, *o rei Gustavo, da Suécia*, como estopim de uma crescente expectativa em torno da Eco 92. O destaque dado a um rei não é aleatório. Ele repercute na cadeia de sentidos levando a relação entre a presença de uma figura importante historicamente ou que atualmente emerge ainda com esse imaginário ao evento, perpassando para a conferência ainda mais a sua importância. Diante disso, fica marcada no texto a relevância que o sujeito jornalista confere ao evento ecológico. Mas, ao situar seu dizer dessa maneira, esse sujeito jornalista discursivamente constrói uma imagem do seu papel e do leitor nesse processo de construção e produção do discurso, retomando, desse modo, as condições de sócio-históricas e ideológicas de produção, como elaborado e atualizado por Pêcheux (1997), pois é na linguagem que encontramos um jogo de poder e tensão. Considerar essa posição do sujeito no discurso é fundamental para interpretar os sentidos que estão marcados na materialidade linguística e também compreender os sentidos que não estão assinalados, mas estão presentes na sua ausência e, portanto, produzindo igualmente sentidos.

Já na SD3, último parágrafo da primeira parte dessa reportagem, observamos novamente o efeito de repetibilidade da importância da Eco 92 para os anos futuros, *quando a Eco 92 for história, se saberá exatamente o que ela significou*, e também a presença apenas de uma postura otimista, esperançosa pelo sujeito jornalista. Logo essa posição acaba por querer persuadir o outro a se identificar e ratificar com esse discurso ecológico que, nesse primeiro encontro, ganhou ainda mais força nas instâncias discursivas da sociedade.

Por outro lado, a reportagem da edição de 2012 da mesma revista apresenta outro dizer. Dessa vez, não antecede, mas fala do andamento do evento e demonstra claramente uma discordância com o que está sendo debatido então.

Passemos então a leitura e análise de algumas SDs dessa publicação:

(SD4) Bandeiras internacionais hasteadas, tendas armadas em parques públicos, exposições por toda a cidade, comitivas estrangeiras emperrando o trânsito – assim é, neste momento, **o Rio de Janeiro, engalanado e congestionado** pelo início da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20. Os números são portentosos: 50 000 visitantes, delegações de 190 países, ONGs de todo tipo e indígenas do Brasil e de fora que fazem a festa de fotógrafos em busca de imagens exóticas. Eles estão na cidade para discutir como conciliar desenvolvimento, qualidade de vida e preservação do ambiente. Na sexta-feira 15, **grupos de diplomatas, cada qual com seus adendos e suas propostas debaixo do braço**, entram e saíam de salas fechadas no Riocentro, a sede da conferência na Barra da Tijuca, tentando enxugar caudalosas 81 páginas e dar um semblante de acordo ao documento final que a reunião de chefes de estado e de governo, entre os próximos dias 20 21 22, deve ratificar. **As chances de acordo sobre medidas concretas são remotíssimas. O mais provável é que concordem em continuar discutindo – o que, num palco de tantas e tamanhas divergências [...] já é muito bom.** (p. 109)

(SD5) Nesse debate, surge a ideia de “economia verde”, **um conceito difícil de engolir tanto para os mais radicais defensores da economia quanto para os ideólogos do verde. Para as empresas**, a obrigação de considerar, além da saúde financeira, seu impacto social e ambiental é uma camisa de força que pode enfraquecê-las – embora elas saibam ser esse um **caminho inescapável. Para os ambientalistas**, submeter a sustentabilidade à necessidade de lucro das empresas é mercantilar uma questão de **sobrevivência do planeta.** (p. 110)

(SD6) Felizmente para a saúde planetária, outros protagonistas vêm fazendo o dever de casa. **No mundo todo, empresas se preocupam** em entregar produtos menos agressivos ao ambiente, **forçadas por consumidores conscientes e exigentes. Temas** do cotidiano que tinham sido **subtraídos** das grandes plenárias – como a **imundície** dos rios que atravessam as metrópoles, a **sujeira** nos oceanos, a pesca **predatória** e o **descalabro** com o lixo urbano – não sumiram de vez das discussões porque a sociedade se movimenta. Exige cada vez mais e, por exigir, atrai também o poder público. **O despertar desse ciclo virtuoso talvez tenha sido o grande mérito da Eco 92, que de concreto, num plano mais global, apenas ratificou o acordo de redução dos gases que provocavam o problema do buraco na camada de ozônio, hoje definitivamente resolvido.** (p. 110)

A SD4, correspondente ao primeiro parágrafo da reportagem de 2012, inicia com um encadeamento de situações que poderiam construir um discurso positivo sobre o evento, se não fosse por atrelá-lo à questão dos congestionamentos das grandes cidades. Nesse sentido, percebemos que o sujeito jornalista desta edição da revista, diferentemente daquele da edição de 1992, não se apresenta com tantas expectativas em relação à conferência promovida pela ONU. Nem tudo são flores para o sujeito discursivo em questão que também estabelece dicotomia em suas primeiras linhas, mas de modo diferente. Adotando um discurso ecológico quiçá, podemos dizer, autêntico, não confia no discurso e na posição dos diplomatas presentes com seus adendos. Também coloca um dizer pessimista sobre os possíveis ou inviáveis resultados do acordo internacional: *As chances de acordo sobre medidas concretas são remotíssimas.* Para ele já está bom, a possibilidade das conversas continuarem pós-evento. Dessa forma, um gesto de leitura permite levar em consideração as mudanças de condições de produção do discurso, apesar de pontos em comum, como o Brasil e o Rio de Janeiro

como cidade sede, temos outras configurações políticas e econômicas, apesar de encontrarmos o mesmo sujeito discursivo contemporâneo ou capitalista. Talvez um pouco mais cético, mas ainda assim identificado com a formação discursiva ao qual pertence. Tal deslocamento ratifica o que já vinha sendo lido na capa da própria revista, como exposto anteriormente, ou seja, encontramos uma materialidade linguística que se dedica a colocar em pauta *verdades inconvenientes* sobre o encontro ecológico internacional.

Na SD5, o sujeito jornalista parece consciente dos embates ideológicos que permeiam o próprio discurso ecológico, colocando tanto a visão dos empresários que não podem escapar às exigências de um maior cuidado com a preservação dos recursos naturais da Terra quanto a dos ambientalistas que preocupados com *sobrevivência do planeta* não deixam de levar em consideração às necessidades do mercado econômico, desconstruindo, desse modo, qualquer visão mais extremada da questão. Nesse sentido, o sujeito jornalista parece concordar com essa mirada mais crítica para a questão, deixando de lado que o discurso recaia em uma ênfase exageradamente radical. A mudança das condições sócio-históricas de produção, ou seja, vinte anos desde a primeira conferência realizada no Brasil, e as mudanças que foram operadas na sociedade desde então podem ser tomadas em consideração para essa interpretação.

Já na SD6, que conclui essa parte inicial da reportagem, encontramos claramente o sujeito discursivo estabelecendo um jogo entre os interesses dos consumidores e a preocupação das empresas em atendê-los. Fica marcado que o discurso ecológico se engendrou de tal modo na sociedade que o sujeito capitalista inserido em qualquer que seja o seu campo de atuação precisará se assujeitar a esse discurso. Diante disso, a utilização de substantivos e adjetivos do campo semântico de sentidos negativos, como *imundície, sujeira, predatória, descalabro*, colocam o dizer da revista para enfatizar as problemáticas que permeiam à sociedade atual e foram deixadas de lado nos debates que estão sendo realizados na Rio+20.

A conclusão da reportagem ainda vai buscar na memória discursiva da conferência anterior o que houve de concreto e que resultados foram alcançados para modificar as relações do homem com o seu meio. O *grande mérito* da edição de 1992 foi reduzir a utilização de gases poluentes, no entanto, retomando construções parafrásticas com a palavra **poluição** as *verdades inconvenientes* que o dizer de *Veja* quer a princípio mostrar são os problemas de poluição urgentes e que dessa vez, por motivos não expostos explicitamente, não foram colocados em debate.

Com esse gesto de leitura de duas reportagens da revista *Veja* podemos notar que houve uma modificação na sua aderência à promoção e valorização das Conferências das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, apesar da presença do sujeito discurso contemporâneo, sujeito capitalista como coloca Orlandi (2007), as condições de produção sócio-discursivas acabam por reverberar na produção dos sentidos. Nesse percurso, esse mesmo sujeito ainda mobiliza mais uma memória discursiva que se relaciona com outros dizeres que foram produzidos ao longo desses vinte anos que separam um evento ecológico do outro.

Conclusão

No gesto de leitura compreendido das duas reportagens de capa da revista *Veja* acerca das duas Conferências das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento realizadas no Rio de Janeiro nos anos de 1992 e 2012, respectivamente Eco 92 e Rio+20, entendemos que *Veja* adere ao discurso ecológico

vigente em nossa sociedade e que toma posições diferenciadas frente a esses dois encontros de relevância internacional. Enquanto no primeiro, assumindo um tom mais apocalíptico, em que o futuro do planeta dependesse das decisões que fossem postas em prática após o evento, fora a construção de uma grande expectativa sobre o mesmo; o segundo é analisado durante sua realização através de um viés mais crítico, claro no dizer de *Veja* que, retomando uma memória discursiva dos dizeres que ao longo desses vinte anos entre uma conferência e outra construíram uma matriz de sentidos sobre o discurso ecológico, assumindo ainda o discurso ecológico coloca-o de modo mais amadurecido perante os possíveis, ou neste caso “impossíveis”, resultados da Rio+20. Nesse caminho, a análise do discurso de linha pecheutiana contribui para a descrição, análise e interpretação desses sentidos que constituem linguisticamente o discurso ecológico por meio das noções elaboradas por Michel Pêcheux de *condições de produção e memória discursiva* e do conceito de *sujeito discursivo contemporâneo ou sujeito capitalista* apresentado por Eni Orlandi. Assim, a contribuição deste trabalho se revela à medida que lança luz acerca da constituição e materialização de um tipo de discurso, no caso o discurso ecológico, e procura também, a partir de um recorte diacrônico de reportagens de revistas de circulação nacional, verificar como esse discurso se configurou em nossa sociedade em dois momentos distintos.

Referências bibliográficas

- INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, F.; MITTMANN, Solange; LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. (Orgs.) **Memória e história na/da Análise do Discurso**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.
- MALDIDIER, Denise. A inquietude do discurso. Um trajeto na história da Análise do discurso: o trabalho de Michel Pêcheux. In: PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice. (orgs.) **Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2011.
- ORLANDI, Eni. **Análise do discurso: princípio e procedimentos**. 3ª ed. Campinas: Pontes, 2001.
- _____. O sujeito discursivo contemporâneo: um exemplo. In: INDURSKY, Freda. & LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. (Orgs.) **A Análise do Discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites**. São Carlos: Claraluz, 2007.
- PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). Ed. da Unicamp, 1997. In: GADET, Françoise & HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux**. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1997.
- _____. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre. et al. **Papel da memória**. Pontes, 1999.
- SILVA, Silmara Dela. & LUNKES, Fernanda Luzia. E o casamento acabou: uma análise do arquivo de *Veja* sobre o imaginário da mulher divorciada. In: CONEXÃO LETRAS. **A noção de arquivo em Análise do Discurso: relações e desdobramentos**. Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. vol. 9. n. 11. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.
- VEJA. São Paulo: Ed. Abril, n. 1.237, 03 jun. 1992.
- VEJA. São Paulo: Ed. Abril, n. 2.274, 20 jun. 2012.